

1

Examinei a faca que tinha na mão.

— Essa é a Shun. Está sentindo como é mais leve se comparada a Wüsthof?

Passei o dedo pela lâmina afiada para testar. O cabo supostamente era resistente à umidade, mas já estava ficando um pouco úmido enquanto eu o segurava.

— Acho esse modelo mais adequado para alguém do seu porte. — Levantei os olhos para o vendedor, preparando-me para a palavra que sempre usavam para descrever garotas baixas ansiosas para serem chamadas de “magras”. — Mignon. — Ele sorriu como se houvesse feito um elogio. Esguia, elegante, graciosa... esses, sim, eram elogios que poderiam ter me desarmado.

Outra mão, com a pele vários tons mais clara do que a minha própria, surgiu na cena e alcançou o cabo.

— Posso sentir?

Voltei o olhar para ele: meu noivo. A palavra não me incomodava tanto quanto a que viria depois dela. Marido. Essa palavra apertava o espartilho com mais força, esmagando órgãos, fazendo o pânico subir à minha garganta, que latejava em um sinal de angústia. Eu poderia decidir não soltar a faca. Enfiar silenciosamente a lâmina forjada de níquel e aço inoxidável (a Shun, decidi que gostava mais dela) na barriga dele. O vendedor provavelmente emitiria um simples e digno “Oh!”. Seria a mãe carregando o bebê com nariz escorrendo, que estava atrás do homem, quem gritaria. Era fácil perceber que a mulher, uma perigosa combinação de tédio e drama, descreveria o *ataque*, com prazer e lágrimas, aos repórteres que, mais tarde, se amontoariam no local. Virei a faca para cima antes que pudesse retesar a mão, antes que pudesse atacar, antes que todos os músculos do meu corpo, sempre em alerta máximo, entrassem no piloto automático.



— Estou animado — disse Luke, quando saímos da loja, a Williams-Sonoma, na rua 59, com uma lufada gelada do ar-condicionado como despedida. — E você?

— Amo aquelas taças de vinho tinto. — Entrelacei meus dedos aos dele para demonstrar o quanto estava falando sério. Era a ideia dos “conjuntos” que eu não conseguia suportar. Inevitavelmente terminaríamos com seis pratos de pão, quatro de salada e oito pratos rasos, e eu jamais conseguiria dar um jeito de completar a pequena família de porcelana. A louça ficaria amuada sobre a mesa da cozinha, Luke sempre se oferecendo para tirá-la de vista e eu retrucando irritada “Ainda não”. Até que um dia, bem depois do casamento, eu teria uma inspiração súbita e insana, pegaria a linha 4 ou 5 do metrô, direção Uptown, e entraria em disparada na Williams-Sonoma, como uma Martha Stewart guerreira, só para descobrir que eles haviam parado de fabricar o padrão Louvre que escolhêramos tantos anos antes. — Podemos comer uma pizza?

Luke riu e apertou minha cintura.

— Para onde vai tudo isso?

Minha mão ficou rígida na dele.

— É por causa de tanto exercício, eu acho. Estou faminta. — Era mentira. Ainda me sentia nauseada por causa

do sanduíche Reuben alto, rosado e com excesso de informação, como um convite de casamento, que havia comido no almoço. — Na Patsy’s? — Tentei soar como se houvesse acabado de ter a ideia, quando na realidade já vinha fantasiando devorar uma pizza de lá; fios de queijo derretido se esticando, sem se romper, me forçando a segurá-los entre os dedos e a puxar, ganhando como bônus um naco de muçarela da fatia de outra pessoa. Aquele sonho prazeroso e vívido vinha se repetindo desde a última quinta-feira, quando decidimos que domingo seria o dia em que finalmente cuidaríamos da ida ao cartório. (“As pessoas estão perguntando, Tif.” “Eu sei, *mamãe*, vamos cuidar disso.” “O casamento é daqui a cinco meses!”)

— Não estou com fome — Luke encolheu os ombros —, mas se você quer muito.

Que pessoa divertida...

Continuamos de mãos dadas enquanto atravessávamos a avenida Lexington, nos esquivando de bandos de mulheres de pernas musculosas que usavam shorts de caminhada brancos e tênis confortáveis, carregando sabe-se lá que tesouros secretos a Victoria’s Secret da Quinta Avenida guardava que a loja de Minnesota não tinha. Também nos desviamos de uma cavalaria de garotas de Long Island, as tiras das sandálias gladiadora se enrolando aos tornozelos delas como vinhas em uma árvore. As garotas olharam para Luke. Então olharam para mim. Não questionaram o casal. Eu trabalhara duro e rápido para me tornar uma rival à altura, uma Carolyn para o JFK Jr. que ele era. Dobramos à esquerda e seguimos pela rua 60 antes de dobrar novamente à direita. Eram apenas cinco da tarde quando cruzamos a Terceira Avenida e encontramos as mesas do restaurante arrumadas, mas solitárias. Os nova-iorquinos que sabiam se divertir ainda estavam tomando o brunch. Eu costumava ser um deles.

— Na área externa? — perguntou a *hostess*. Assentimos, ela pegou dois cardápios que estavam sobre uma mesa vazia e fez sinal para que a acompanhássemos.

— Poderia me trazer uma taça de Montepulciano? — A *hostess* ergueu as sobrancelhas em uma expressão indignada, e pude imaginar o que ela estava pensando: “Isso é trabalho do garçom”; mas apenas sorri docemente para ela como se dissesse “Está vendo como sou gentil? E como você não está sendo razoável? Deveria se envergonhar”.

A mulher voltou o olhar para Luke.

— E você?

— Só água.

Quando ela se afastou, ele comentou:

— Não sei como consegue tomar vinho tinto com esse calor.

Dei de ombros.

— Vinho branco simplesmente não combina com pizza.

Vinho branco era reservado para aquelas noites em que eu me sentia leve, bonita. Quando estava determinada a ignorar as massas do cardápio. Uma vez, escrevi a seguinte dica para a *The Women’s Magazine*: “Um estudo mostrou que o ato de fechar fisicamente o cardápio, depois de decidir o que vai pedir, pode fazer com que se sinta mais satisfeita com sua escolha. Portanto, opte logo pelo linguado grelhado e feche esse cardápio antes de começar a comer o *penne alla vodka* com os olhos.” LoLo, minha chefe, havia sublinhado as palavras “comer com os olhos” e escrito “Hilário”. Deus, odeio linguado grelhado.

— Então, o que mais temos para fazer? — Luke se recostou na cadeira, as mãos atrás da cabeça como se estivesse prestes a fazer uma abdominal, totalmente inocente sobre aquelas palavras serem um chamado para briga. O veneno se acumulou em meus olhos castanhos e me apressei em dissipá-lo.

— Muita coisa. — Conte nos dedos. — Toda parte de papelaria, ou seja, convites, cardápios, programas, cartões para os lugares à mesa, tudo isso. Preciso escolher quem vai fazer meu cabelo e a minha maquiagem e escolher o vestido das madrinhas, para Nell e as garotas. Também temos que voltar à agência de viagens: não quero mesmo ir para Dubai. Eu sei. — Ergui a mão antes que Luke pudesse dizer qualquer coisa. — Não podemos passar o tempo todo nas Maldivas. Há um limite para o quanto se aguenta ficar deitado sem fazer nada em uma praia até perder a paciência. Mas não podemos passar alguns dias em Londres ou Paris, depois?

Luke assentiu com uma expressão solícita. Ele tinha sardas no nariz durante todo o ano, mas em meados de maio elas se espalhavam até as têmporas, onde permaneciam até o dia de Ação de Graças. Aquele era o meu quarto verão com Luke, e todo ano eu observava como aquelas muitas atividades ao ar livre, boas e saudáveis — corrida, surfe, golfe, kitesurf —, multiplicavam as sardas douradas no nariz dele como células cancerígenas. Por algum tempo, Luke quase me converteu, também, a essa dedicação insolente ao movimento, às endorfinas, a aproveitar o dia. Nem mesmo uma ressaca conseguia acabar com seu vigor. Eu costumava colocar meu despertador para uma da tarde, aos sábados, o que Luke achava adorável. “Você é tão pequena e precisa de tanto sono”, ele costumava dizer, fazendo carinho com o nariz para me acordar à tarde. “Pequena”, outra descrição do meu corpo que detesto. O que preciso fazer para que alguém me chame de “magrinha”?

Acabei confessando a verdade. Não é que eu precise de uma enorme quantidade de sono, o fato é que não estava dormindo quando você achava que eu estava. Não conseguia imaginar me submeter a um estado de inconsciência ao mesmo tempo que todos faziam isso. Só consigo dormir — dormir para valer, não o repouso silencioso com que aprendi a viver durante a semana — quando a luz do sol explode da Freedom Tower e me força a ir para o outro lado da cama, quando posso ouvir Luke na cozinha, fazendo omeletes de claras, e os vizinhos de porta discutindo sobre quem foi o último a levar o lixo para fora. Lembranças rotineiras e banais de que a vida é tão tediosa que não poderia aterrorizar ninguém. Esse tédio penetra nos meus ouvidos e é *só então* que durmo.

— Deveríamos estipular fazer uma coisa por dia — concluiu Luke.

— Luke, faço três coisas por dia. — Havia uma rispidez na minha voz que eu tinha a intenção de evitar. E também não tinha o direito de ficar irritada. Afinal, eu *deveria* fazer três coisas por dia, mas em vez disso ficava sentada, paralisada diante do meu computador, me recriminando por não fazer três coisas todo dia como prometera a mim mesma que faria. Decidi que aquilo consumia mais tempo e era mais estressante do que realmente fazer as três malditas coisas por dia e, portanto, quem merecia aquela fúria era eu.

Pensei na única coisa em que eu estava realmente adiantada.

— Você sabe quantas idas e vindas já tive com a encarregada dos convites?

Eu sobrecarregara a mulher responsável pela produção dos convites, uma asiática que era um fiapo de gente com um temperamento nervoso que me enfurecia com perguntas demais: Fica chinfrim usar impressão tipográfica para os convites, mas não para os cartões de confirmação? Alguém notaria se usássemos um calígrafo para sobrescritar o envelope, mas tipografia para o convite? Eu estava apavorada com a possibilidade de tomar uma decisão que me expusesse. Morava em Nova York havia seis anos e esse período no centro da cidade vinha sendo como uma especialização em “como parecer endinheirada sem esforço”. No primeiro semestre, aprendera que usar sandálias Jack Rogers, tão reverenciadas na faculdade, era como gritar “Minha pequena escola liberal de artes sempre será o centro do universo!”. Encontrara um novo eixo, e para o lixo foram meus pares de sandálias douradas, prateadas e brancas. O mesmo aconteceu com a bolsinha de ombro estampada da Coach (argh). Então veio a descoberta de que a Kleinfeld, a loja que parecia tão glamorosa e tão Nova York no reality show *O vestido ideal*,

na verdade era uma fábrica cafona de vestidos de noiva, frequentada apenas pelos nova-iorquinos que moram em bairros menos famosos, ou em cidades vizinhas, e que precisam atravessar pontes ou túneis para chegar aonde interessa: Manhattan. Optei por uma pequena boutique na área de Meatpacking, os cabides cuidadosamente abastecidos com marcas como Marchesa, Reem Acra e Carolina Herrera. E todas aquelas casas noturnas lotadas e com luz mortífera, seguranças musculosos e cordões vermelhos dominando a entrada, pulsando furiosamente com Tiesto e quadris? Não é assim que os urbanoídes que se dão ao respeito passam as noites de sexta-feira. Não, em vez disso, pagamos dezesseis dólares por um prato de endívias, acompanhadas por vodca e água mineral com gás, em um bar desconhecido no East Village, vestindo botinhas da Rag & Bone que, apesar da aparência barata, custaram 495 dólares.

Foram seis lentos anos para chegar aonde estou agora: noiva de um homem do mercado financeiro, conhecido pelo primeiro nome pela *hostess* do Locanda Verde, com o último lançamento da Chloé pendurado no braço (não é uma Céline, mas ao menos não desfilo por aí com uma Louis Vuitton monstruosa como se fosse a oitava maravilha do mundo). Tempo suficiente para apurar meu refinamento. Mas planejar o casamento... esse aprendizado exigiria muito mais. Se você fica noiva em novembro, então tem um mês para examinar as possibilidades, para descobrir que o celeiro em Blue Hill — onde pensou que se casaria — *já era*, e que o que está em alta agora são antigas margens de rios revitalizadas, cuja locação custava vinte mil dólares. Tem dois meses para consultar blogs e revistas de casamento, para conversar com os colegas gays na *The Women's Magazine* e descobrir que vestidos de casamento sem alça são ofensivamente burgueses. Você já está há três meses envolvida nesse processo e ainda precisa encontrar um fotógrafo que não tenha em seu portfólio nenhuma noiva fazendo biquinho (é mais difícil do que parece); vestidos de madrinhas que não se pareçam em nada com vestidos de madrinha; e um florista que possa assegurar que conseguirá anêmonas fora de época, porque peônias nem pensar. Parece coisa para amadores? Basta um movimento errado e todos enxergarão além do seu bronzeador aplicado com muito bom gosto e perceberão que você não passa de uma carcamana ignorante que não sabe que deve passar o sal e a pimenta juntos. Achei que aos vinte e oito anos eu já poderia parar de tentar me afirmar e relaxar. Mas a luta só fica mais sangrenta com a idade.

— E você ainda não me passou os endereços dos seus convidados para que eu possa mandar para o calígrafo — falei, embora secretamente estivesse aliviada por ter mais tempo para torturar a nervosinha encarregada dos convites.

— Já estou aprontando isso — garantiu Luke, com um suspiro.

— Os convites não serão enviados na data em que queremos se você não me passar os endereços esta semana. Estou pedindo há um mês.

— Eu estava ocupado!

— E acha que eu não?

Picuinhas. É tão mais feio do que uma briga acalorada, em que pratos são arremessados, não é? Pelo menos depois de uma briga séria, a sequência costuma ser fazer sexo no chão da cozinha, os cacos da louça padrão Louvre marcando suas costas. Nenhum homem se sente muito inclinado a arrancar a sua roupa depois que você o acusa, ressentida, de deixar um presente boiando no vaso sanitário.

Carrei os punhos, então flexionei e abri bem os dedos, como se pudesse externar a raiva que sentia como uma teia do Homem-Aranha. *Fala logo.*

— Desculpe. — Deixei escapar meu suspiro mais patético para garantir. — É que estou mesmo muito cansada.

Uma mão invisível pareceu passar sobre o rosto de Luke, afastando a frustração que ele sentia a meu respeito.

— Por que não vai ao médico? Você deveria estar tomando Ambien ou algum outro remédio para dormir.

Assenti, fingindo considerar a ideia, mas soníferos não passam de vulnerabilidade sob a forma de comprimidos. O que eu realmente precisava era ter de volta os dois primeiros anos do meu relacionamento, aquele breve período de alívio durante o qual, entrelaçada a Luke, a noite passava sem que eu percebesse e sem sentir a necessidade de correr atrás dela. Nas poucas vezes em que eu acordara mais cedo, notara que a boca de Luke se curvava nos cantos em um sorriso, mesmo quando ele dormia. Seu bom temperamento era como o inseticida que usávamos na casa de verão dos pais dele, em Nantucket, tão poderoso que eliminava o terror, aquela sensação, alarmante como estar no olho de um furacão, de que algo ruim estava prestes a acontecer. Mas em algum momento ao longo do caminho — na verdade, por volta da época em que ficamos noivos, oito meses atrás, para ser bem honesta — a insônia retornou. Comecei a empurrar Luke quando ele tentava me acordar para correr na ponte do Brooklyn aos sábados de manhã, algo que vínhamos fazendo quase todos os sábados ao longo dos últimos três anos. Luke não é um desses patéticos cachorrinhos apaixonados, ele percebe o retrocesso, mas por mais impressionante que pareça isso só o torna mais profundamente dedicado a mim. É como se estivesse assumindo o desafio de me fazer voltar a ser como antes.

Não sou uma heroína valente que alega ignorar a própria beleza inquestionável e o raro encanto, mas houve uma época em que *realmente* me perguntava o que Luke via em mim. Sou bonita — tenho que destacá-la, mas a matéria-prima está aqui. Sou quatro anos mais nova do que ele, o que não é tão bom quanto oito anos mais nova, mas ainda assim é alguma coisa. Também gosto de fazer coisas “bizarras” na cama, embora Luke e eu tenhamos definições muito diferentes de “bizarro” (para ele, posição cachorrinho e puxões de cabelos; para mim, choques elétricos na vagina com uma mordada de bola enfiada na boca para abafar os gritos), pelos padrões dele, temos uma vida sexual excêntrica mas realizadora. Então, sim, me conheço o bastante para reconhecer o que Luke vê em mim, mas há bares no centro da cidade cheios de garotas exatamente como eu, Kates doces e naturalmente louras, que ficariam de quatro, balançando os rabos de cavalo para Luke em um piscar de olhos. Essa *Kate* provavelmente teria crescido em uma casa de tijolos vermelhos e persianas brancas, uma casa que não tentava enganar com seu revestimento de tábuas falso e cafona na parede externa dos fundos, como a minha. Mas uma *Kate* jamais daria a Luke o que eu dava: a sensação do fio da navalha. Enferrujada e infestada de bactérias, sou a lâmina que rompe as bainhas perfeitamente costuradas da vida de estrela de futebol americano de Luke, ameaçando rasgá-las ao meio. E ele gosta dessa ameaça, do possível perigo que represento. Mas, na verdade, não quer ver o que posso fazer, os buracos esfarrapados que posso abrir. Passei a maior parte do nosso relacionamento arranhando a superfície, testando a pressão para saber o quanto é demais antes que eu tire sangue. Estou ficando cansada.

A querida *hostess* pousa a taça de vinho com força na mesa à minha frente, determinada a entornar um pouco. O líquido cor de rubi transborda, formando uma poça na base da taça, que é como uma ferida causada por um tiro.

— Aqui está! — gorjeia ela, abrindo, tenho certeza, seu sorriso mais asqueroso, mas que nem chega perto da minha coleção de sorrisos asquerosos.

Aquilo foi tudo que bastou para que a cortina se erguesse, para que eu sentisse o calor dos refletores. Estava na hora do show.

— Ah, não — arquejei. Levei o dedo ao espaço entre os meus dois dentes da frente. — Um pedaço enorme de espinafre. Bem aqui.

A *hostess* levou rapidamente a mão à boca, o rosto muito vermelho do pescoço para cima.

— Obrigada — balbuciou, e desapareceu.

Os olhos de Luke eram como dois globos azuis confusos sob o sol sereno do fim de tarde.

— Ela não tinha nada nos dentes.

Inclinei-me sobre a mesa antes de responder, dando um gole no meu vinho, a taça ainda sobre a mesa, para que não respingasse no jeans branco que eu usava. Nunca mexa com uma vagabunda branca e rica e seu jeans branco.

— No dente não. Já no rabo...

A risada de Luke foi como a ovação da plateia. Ele balançou a cabeça, impressionado.

— Você é bem malvada quando quer, sabia?